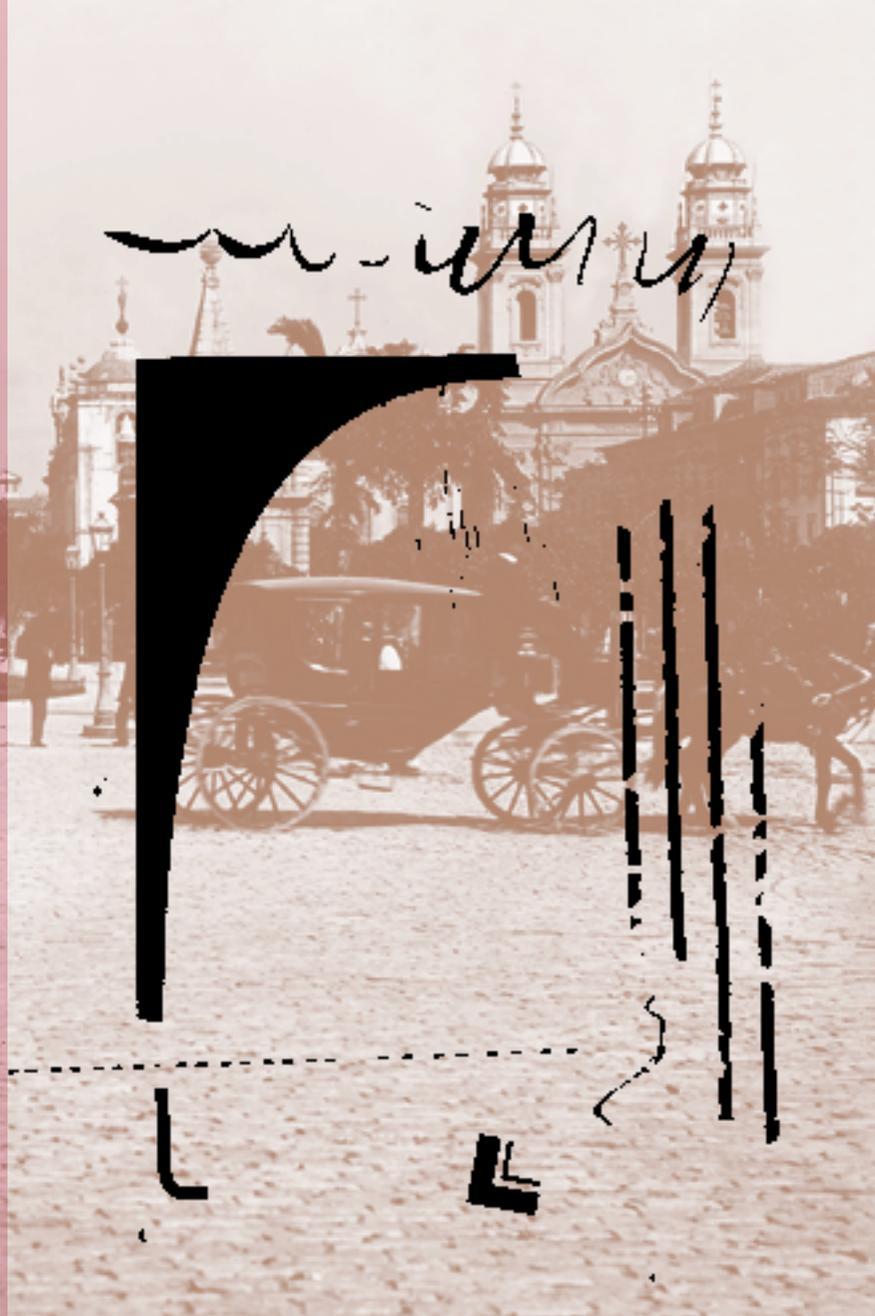


# **Dom Casmurro**





*mission*













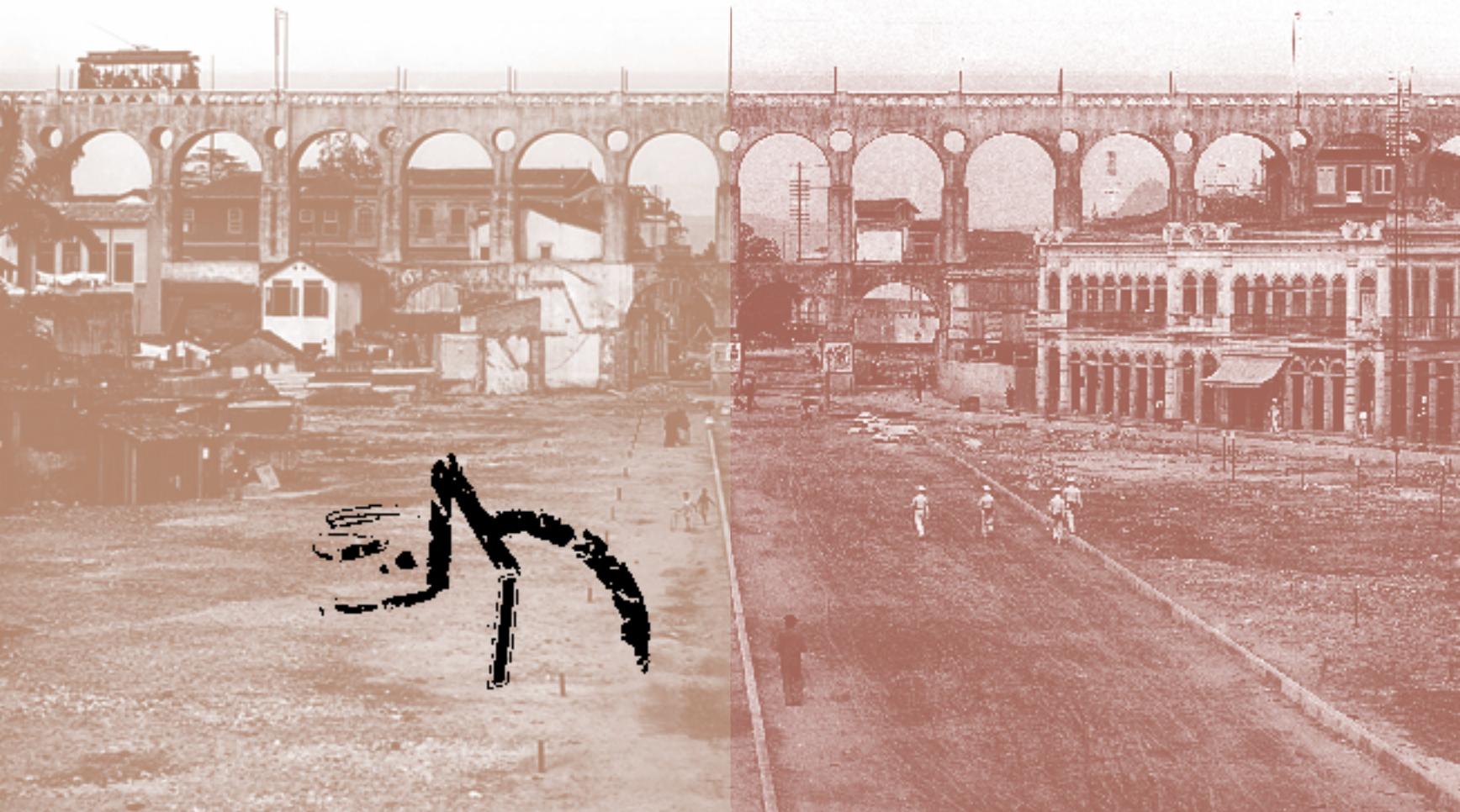








میں



میں



**Machado de Assis**

# **Dom Casmurro**

**ILUSTRAÇÕES** Carlos Issa  
**POSFÁCIO** Hélio Guimarães

CARAMBAIA

<b>1</b>	<b>— DO TÍTULO</b>	<b>37</b>
<b>2</b>	<b>— DO LIVRO</b>	<b>38</b>
<b>3</b>	<b>— A DENÚNCIA</b>	<b>42</b>
<b>4</b>	<b>— UM DEVER AMARÍSSIMO!</b>	<b>45</b>
<b>5</b>	<b>— O AGREGADO</b>	<b>46</b>
<b>6</b>	<b>— TIO COSME</b>	<b>49</b>
<b>7</b>	<b>— D. GLÓRIA</b>	<b>52</b>
<b>8</b>	<b>— É TEMPO</b>	<b>54</b>
<b>9</b>	<b>— A ÓPERA</b>	<b>55</b>
<b>10</b>	<b>— ACEITO A TEORIA</b>	<b>60</b>
<b>11</b>	<b>— A PROMESSA</b>	<b>60</b>
<b>12</b>	<b>— NA VARANDA</b>	<b>62</b>
<b>13</b>	<b>— CAPITU</b>	<b>66</b>
<b>14</b>	<b>— A INSCRIÇÃO</b>	<b>70</b>
<b>15</b>	<b>— OUTRA VOZ REPENTINA</b>	<b>71</b>
<b>16</b>	<b>— O ADMINISTRADOR INTERINO</b>	<b>74</b>
<b>17</b>	<b>— OS VERMES</b>	<b>78</b>
<b>18</b>	<b>— UM PLANO</b>	<b>79</b>
<b>19</b>	<b>— SEM FALTA</b>	<b>86</b>
<b>20</b>	<b>— MIL PADRE-NOSSOS E MIL AVE-MARIAS</b>	<b>87</b>
<b>21</b>	<b>— PRIMA JUSTINA</b>	<b>89</b>
<b>22</b>	<b>— SENSAÇÕES ALHEIAS</b>	<b>92</b>

- 23 — PRAZO DADO 94  
24 — DE MÃE E DE SERVO 95  
25 — NO PASSEIO PÚBLICO 96  
26 — AS LEIS SÃO BELAS 101  
27 — AO PORTÃO 103  
28 — NA RUA 103  
29 — O IMPERADOR 104  
30 — O SANTÍSSIMO 106  
31 — AS CURIOSIDADES DE CAPITU 112  
32 — OLHOS DE RESSACA 116  
33 — O PENTEADO 119  
34 — SOU HOMEM! 122  
35 — O PROTONOTÁRIO APOSTÓLICO 125  
36 — IDEIA SEM PERNAS E IDEIA SEM BRAÇOS 129  
37 — A ALMA É CHEIA DE MISTÉRIOS 131  
38 — QUE SUSTO, MEU DEUS! 134  
39 — A VOCAÇÃO 135  
40 — UMA ÉGUA 139  
41 — A AUDIÊNCIA SECRETA 140  
42 — CAPITU REFLETINDO 145  
43 — VOCÊ TEM MEDO? 147  
44 — O PRIMEIRO FILHO 149  
45 — ABANE A CABEÇA, LEITOR 154  
46 — AS PAZES 155  
47 — “A SENHORA SAIU” 156  
48 — JURAMENTO DO POÇO 157  
49 — UMA VELA AOS SÁBADOS 159  
50 — UM MEIO-TERMO 160  
51 — ENTRE LUZ E FUSCO 163  
52 — O VELHO PÁDUA 164  
53 — A CAMINHO! 166  
54 — PANEGÍRICO DE SANTA MÔNICA 167  
55 — UM SONETO 171  
56 — UM SEMINARISTA 176  
57 — DE PREPARAÇÃO 179  
58 — O TRATADO 180  
59 — CONVIVAS DE BOA MEMÓRIA 183  
60 — QUERIDO OPÚSCULO 185  
61 — A VACA DE HOMERO 186  
62 — UMA PONTA DE IAGO 191  
63 — METADES DE UM SONHO 194  
64 — UMA IDEIA E UM ESCRÚPULO 196  
65 — A DISSIMULAÇÃO 198  
66 — INTIMIDADE 201  
67 — UM PECADO 203  
68 — ADIEMOS A VIRTUDE 208  
69 — A MISSA 210  
70 — DEPOIS DA MISSA 211  
71 — VISITA DE ESCOBAR 213  
72 — UMA REFORMA DRAMÁTICA 216  
73 — O CONTRARREGRA 217  
74 — A PRESILHA 219  
75 — O DESESPERO 221  
76 — EXPLICAÇÃO 222  
77 — PRAZER DAS DORES VELHAS 223  
78 — SEGREDO POR SEGREDO 224  
79 — VAMOS AO CAPÍTULO 228  
80 — VENHAMOS AO CAPÍTULO 229  
81 — UMA PALAVRA 233  
82 — O CANAPÉ 235  
83 — O RETRATO 236  
84 — CHAMADO 237  
85 — O DEFUNTO 239  
86 — AMAI, RAPAZES! 241

87 — A SEGE 242  
88 — UM PRETEXTO HONESTO 244  
89 — A RECUSA 245  
90 — A POLÊMICA 246  
91 — ACHADO QUE CONSOLA 250  
92 — O DIABO NÃO É TÃO FEIO COMO SE PINTA 251  
93 — UM AMIGO POR UM DEFUNTO 252  
94 — IDEIAS ARITMÉTICAS 257  
95 — O PAPA 260  
96 — UM SUBSTITUTO 263  
97 — A SAÍDA 266  
98 — CINCO ANOS 268  
99 — O FILHO É A CARA DO PAI 269  
100 — “TU SERÁS FELIZ, BENTINHO” 271  
101 — NO CÉU 274  
102 — DE CASADA 276  
103 — A FELICIDADE TEM BOA ALMA 278  
104 — AS PIRÂMIDES 279  
105 — OS BRAÇOS 280  
106 — DEZ LIBRAS ESTERLINAS 283  
107 — CIÚMES DO MAR 286  
108 — UM FILHO 288  
109 — UM FILHO ÚNICO 291  
110 — RASGOS DA INFÂNCIA 292  
111 — CONTADO DEPRESSA 296  
112 — AS IMITAÇÕES DE EZEQUIEL 298  
113 — EMBARGOS DE TERCEIRO 300  
114 — EM QUE SE EXPLICA O EXPLICADO 302  
115 — DÚVIDAS SOBRE DÚVIDAS 303  
116 — FILHO DO HOMEM 306  
117 — AMIGOS PRÓXIMOS 308  
118 — A MÃO DE SANCHA 311

119 — NÃO FAÇA ISSO, QUERIDA! 316  
120 — OS AUTOS 316  
121 — A CATÁSTROFE 317  
122 — O ENTERRO 318  
123 — OLHOS DE RESSACA 320  
124 — O DISCURSO 321  
125 — UMA COMPARAÇÃO 322  
126 — CISMANDO 323  
127 — O BARBEIRO 325  
128 — PUNHADO DE SUCESSOS 326  
129 — A D. SANCHA 329  
130 — UM DIA... 330  
131 — ANTERIOR AO ANTERIOR 331  
132 — O DEBUXO E O COLORIDO 333  
133 — UMA IDEIA 337  
134 — O DIA DE SÁBADO 337  
135 — OTELO 338  
136 — A XÍCARA DE CAFÉ 341  
137 — SEGUNDO IMPULSO 343  
138 — CAPITU QUE ENTRA 344  
139 — A FOTOGRAFIA 347  
140 — VOLTA DA IGREJA 348  
141 — A SOLUÇÃO 350  
142 — UMA SANTA 351  
143 — O ÚLTIMO SUPERLATIVO 353  
144 — UMA PERGUNTA TARDIA 354  
145 — O REGRESSO 356  
146 — NÃO HOUVE LEPROSA 360  
147 — A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA 361  
148 — E BEM, E O RESTO? 362

POSFÁCIO *Hélio Guimarães* 365

## 1 ————— DO TÍTULO

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

— Continue, disse eu acordando.

— Já acabei, murmurou ele.

— São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me *Dom Casmurro*. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você”. — “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” — “Meu

caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consulte dicionários. *Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

## 2 ————— DO LIVRO

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me

reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-Cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Mata-Cavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o

que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeito, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras?...*

Fiquei tão alegre com esta ideia que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas

aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.

### 3 ————— A DENÚNCIA

Ia a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da Rua de Mata-Cavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

— Que dificuldade?

— Uma grande dificuldade.

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

— A gente do Pádua?

— Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a

filha do *Tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

— Não acho. Metidos nos cantos?

— É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corressem de maneira que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida...

— Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos brincando, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade; Bentinho mal tem quinze anos. Capitu fez quatorze à semana passada; são dois criancolas. Não se esqueça que foram criados juntos, desde aquela grande enchente, há dez anos, em que a família Pádua perdeu tanta coisa; daí vieram as nossas relações. Pois eu hei de crer?... Mano Cosme, você que acha?

Tio Cosme respondeu com um “Ora!” que, traduzido em vulgar, queria dizer: “São imaginações do José Dias; os pequenos divertem-se, eu divirto-me; onde está o gamão?”

— Sim, creio que o senhor está enganado.

— Pode ser, minha senhora. Oxalá tenham razão; mas creia que não falei senão depois de muito examinar...